

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

Centro Democrático Vimaranesense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tip. Minerva Vimaranesense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Depois da guerra

Passado o sobresalto das primeiras horas—quando, numa quente e vulgar manhã de agosto, os povos acordaram ao alarme dum toque de clarim e dum grito de guerra—, começou a apaixonar as discussões, especialmente nos países latinos mais achacados de espirituais devaneios, o alcance da transformação que o mundo vai sofrer, entretenimento filosófico muito parecido este com o jogo do xadrez. Logo e geralmente se não contesta, entre os mais scépticos, que ela tenha de operar-se; antes, medindo as conseqüências pela gravidade sem precedentes do conflicto, admite-se que a historia iniciará uma outra época—*dêsde a conflagração europeia*—. Porque, argumentam, não se compreende a Europa alagada por um dilúvio de sangue e retalhada pela metralha nas próprias entranhas da terra para voltar, na hora da calmaria, a ser o que foi na mentalidade e direcção dos povos, a mesma paisagem nos costumes, talqualmente no lar a antiga pauta da vida, o dia de ontem na vã agitação das ruas, nos parlamentos políticos o venenoso e emperrado dinamismo dum era tão fundamentalmente perturbada de instabilidade e corroida de dissolução que nos preparou, numa guerra incomparável, uma verdadeira tragédia eschyliana, sublime pelo sacrificio e gigantesca como as lutas dos deuses...

Nas revistas e jornalismo corre axiomático que este recontro de titans, igualando-se os pequenos pela superior heroicidade, não pode confinar-se apenas na explosão de interesses económicos rivais dum império abafando sôb os fardos de imensos productos inconsumidos com as outras potências que mancham com a sombra do seu domínio o mapa-mundi. Representa um choque de civilizações, o duelo da Força Germânica com o Ideal dos Povos. E' o Músculo contra a Alma. O Hemo do Norte, feroz, adextrado, selvagem couraçado de fria sciência, supersticioso de disciplina, destruindo à granada a Catedral de Reims, e o Belga pequeno, humilde, sentimental, heroico, erguendo o coração como baluarte de defesa do Cérebro

Latino. Ingénuos filósofos, talvez pela doce mania de vingarem o doutrinarismo que vinham prégando no silêncio deserto das academias, profetizam com venerando aspecto ser a guerra actual uma fornalha de sacrificio ao Moloch dum civilização futura, em que serão pelo fogo destruidas as qualidades más, necessitando uma extirpação violenta por se terem tornado comuns e hereditárias, agindo automaticamente na zona sub-consciente como ideas-fôrças, fogo sagrado em que ha de retemperar-se o novo homem do novo mundo.

O canhoneio destruiu, rasgou largas avenidas na cidade do Espirito. Amanhã, ao entrarmos no Templo da Justiça, encontraremos um novo Direito, na Fabrica uma Economia diferente, na Arte as alterações da estética, uma outra Moral na Religião e nos Costumes, no Estado uma organização da Politica radicalmente mudada.

E como a atenção pública está magnetizada de assombro, cada um vai infiltrando no seu discorrer de propaganda o geito das teorias que formou do Universo, certos aguardando convictos que, no indeciso e por nossa desventura longinquo dia de vitória, surja, como em apoteose refulgente, dentre os escumbros e cadaveres dos campos da batalha, imensos e gelados, a figura coroadada de loiros da Aristocracia, enquanto aqueloutros, ouvindo pelos telegramas os ecos do ribombar sangrento, deleitados sonham que os petardos da revolução social preparam o zenit alegre da verdadeira, definitiva e irrevogável Liberdade, Fraternidade e Igualdade!

Deve ter sido sempre assim ao longo da historia.

O homem não suportaria o tédio da repartição, as diabruras da familia, as contas da tenda e da modista, se, a cada instante, se visse a si próprio, um belo dia de surpresa, pregado no leito da morte, entre o confessôr e o médico indifferentes, as boticadas em cima da banca da cabeceira, a enfiar para o outro mundo. No seu espirito roçou a aza lépida da ilusão e elle caminha, por entre os cardos floridos, aven-

tureiramente, hipnotizado, seguindo sempre para a frente, para o sol do ideal que o alumia e aquece mas que jamais encontrará. Assim os guerreiros, no fragôr das batalhas, se enfeitam louca e santamente de esperançosos encantos como se, a cada golpe de espada, rasgassem no ventre do destino, a estrada do paraíso, vendo do seu generoso sangue brotar, germinar, crescer e abrir a Flôr Azul do sonho.



SONETO

A. M. C.

Pôs-te Deus sobre a fronte a mão piedosa:
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar, de amor velado,
E disse-te: "vai, filha, se formosa!"

E tu descendo na onda harmoniosa,
Pousaste neste solo angustiado,
Estrela envolta num clarão sagrado
Do teu limpido olhar na luz radiosa...

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Den-te o Senhor, mulher, o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo à parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me ha dado?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te.

ANTHEIRO DO QUENTAL.



Não pudiamos mais. Durante seis arrastados meses sofremos inquisitoriais torturas de paciência, sempre na desenganada esperança de melhorarmos o aspecto gráfico d'O Republicano, para onde viemos contrariando o nosso feitio pouco inclinado a este lento e estéril esfarrapar do espirito e do coração na boémia jornalística.

A cada número o semanário, humilde e sertanejo, se tornava mais desagradável, largas manchas de tinta numa prosa ilegível, boqueirões de gralhas, atropelado e duro como montes desordenados de bagagem espapaçada numa gare em dia de chuva.

Se ao leitor causava tédio, a nós espicava-nos de raiva, quando, fatalmente, todas as semanas, depois de imensas revisões, viamos a nossa prosa, feita tão a correr e já molestada da nossa bisonhice, apunhalada em cheio na sua porventura unica qualidade—dois dedos de gramática...

Publicamos uma vez um pensamento: saiu errado. Voltamos a escrevê-lo, beneditinamente, com a melhor letra do reportório—veiu peor. Fizemos então pala-

bras garrafais... as vogais com a gordura do Chaby, as consoantes do tamanho do Fernando Lindoso, —ainda mais tôrto. Desistimos porque as honradas cinzas de D. Francisco de Portugal, de quem era a máxima, deviam estremecer arripiadas... e nunca ninguém conseguiria saber o que ele queria dizer na sua.

Quem, por exemplo, percebe o primeiro período do artigo *Em Férias, II Da Penha*, em que puzeram, por nossa conta e risco, um endiabrar de asneiras? Nem tôda a sciência de S. Cypriano chega para esta beleza de hortaliça:

—...o Joaquim... e ainda agora menos é certo dos seus intrometimentos com os moços...—

decifrar o que havíamos escrito:

—...e anda agora melhor é certo dos seus intrometimentos com as moças, sobretudo lhe agradando colher a gorgêta dos visitantes...—

Mudamos, pois, de casa, para a vizinhança dos *Ecos de Guimarães*, cuja reparação folgamos de registar.

Assim confiado á indiscutível competência do sr. Dantas, vai ser o jornal consideravelmente melhorado no aspecto material e artistico, hoje de notar, como o será na sua própria organização pois contamos com novos e distintos colaboradores e iremos aproveitando as produções dalguns moços nossos conterraneos, tão inteligentes como modestos.

Mas... como tudo isto não se faz de repente às costas de galêgos... terão os nossos assinantes de desculpar algumas irregularidades, que serão compensadas.

Um pensamento de Flaubert

O amor moderno tem a precisão dum sciencia e a mobilidade dum ave.

O sr. Visconde de Santo Tirso, no firme propósito de mostrar a superioridade dos homens do antigo regimen, publicou no *Diário Nacional*, jornal monárquico de Lisboa excelentemente redigido, um artigo acerca da Bélgica, onde, para começar por si próprio, nos dava como unica novidade que era um habil diplomata vestidinho a rigôr. Estaria magnificamente, se sua ex.^a não confundisse alhos e bogalhos com uma tão lastimosa penúria de conhecimentos, que, não obstante um segundo artigo engasgando atrapalhadamente explicações, o sr. Ministro da Bélgica se viu forçado a dar-lhe em público uma lição de direito internacional nos seus mais rudimentares rudimentos.

Já, poucos dias antes, um fidalgo lavrador fazia uma misturada ensossa de farinhas e chacota ao sr. Ministro do Trabalho, intervalando o seu dictado de aprendiz de escola primária com versos de... *Verlaine!*
Oh! os grandes homens...

Diz Shakespeare

os maiores juramentos, em negócios de amor, são palha no lume.

Nada ha mais adequado para tirar a prova do valor dum opposição como examiná-la quando discute uma questão importante. A crise das subsistências, o arrô, o açúcar... Tôdos berram numa apoplexia iracunda contra o govêrno—*que procede mal*; tôdos ardentemente clamam contra as suas medidas—*ignorantes e maliciosas*; tôdos despejam baldes de adjectivos contundentes contra—*a prepotência inclassificável da tirania demagógica*. Pois bem: no meio da grita barafustadôra e pedante nem o fio delgado dum idea, vaga e imprecisa embora como linha preta de retrós no escuro.

Deve ser por isso que as opposições, quando são govêrno, fazem... como os outros.

O crime de Prometheu

Cêro

E a tua culpa não iria alem?

Prometheu

Impedi aos mortais prever a morte.

Cêro

Qual remédio ao achaque descobriste?

Prometheu

No peito lhes depuz cegas esp'ranças.

Cêro

Grande favor com isso lhes fizeste.

Prometheu

Mas fiz ainda mais: dei-lhes o fogo.

Proibida a peregrinação ao Sameiro era de ver que seria proibida a peregrinação á Penha. Numa e noutra os católicos resaram livremente as suas devoções e, se não berraram pelo caminho, Deus com certeza os ouviu... porque nem Santa Tereza, nem S. Francisco d'Assis, nem o próprio Cristo berraram em clamôr e fôram ouvidos. Não concordamos, todavia, porque somos democráticos e partidários da liberdade de pensamento, com a medida tomada pelo govêrno, sendo certo mesmo que ha, e muito notoriamente em Guimarães, monárquicos que sempre enxovalham com especulações politicas as funções religiosas. E dizem-se crentes...

Consentiríamos a peregrinação, todavia, livremente. Mas já que falamos no caso sempre acrescentaremos que o Presidente da Associação Commercial não foi consultado nem ouvido sôbre um escusado telegrama de protesto, o que é natural, porque está ausente de Guimarães, e perfeitamente legitimo. Sómente não quer nem toma responsabilidade do que não faz.

Do catalão Ribera J. Rovira

As velhas catedrais portuguesas são soturnas, elegiacas, fôscas: D. João I fez abrir vitrais nos velhos muros dos templos por onde o sol penetrava triunfante: tal é a rosaceanda catedral de Guimarães, realmente soberba.

Uma tarde, quando atravessávamos o Jardim Botânico, o meu amigo, que assistia às aulas de Direito lendo os filósofos e os poetas, disse-me com carinhosa instância—«o França quer que a Mocidade de Coimbra colabore no *Mundo*. O movimento revolucionário cresce. É um passo andado para o Ideal que sonhamos». Despedi-me nervoso. E, trepando a correr as escadas, entrei no quarto, lancei a capa negra e velhinha, com uns históricos pontos mal alinhavados, uma noite de boémia, pelas mãos patricias duma grande actriz, e logo a correr *escrevi um artigo*. A deferência gentil de França Borges concedeu-me as honras de o publicar em fundo. Ficaram desde aí os nossos espíritos em contacto. Só anos depois, na Assembleia Nacional Constituinte, eu tive o prazer de o abraçar. Continuamos a conversar como velhos amigos. O rude combatente, o mais audaz e popular, que com o *Mundo* tinha ferido de morte o regimen monárquico, era, na intimidade, da mais afável dedicação e do mais comovido carinho.

Completo o *Mundo*, no sabbado passado, 16 anos de vida.

A redacção as nossas leais felicitações, mais tocadas ainda de enternecido sentimento pela saudosa memória de França Borges.

Na carteira d'um neurasténico

Um homem tomava banho no mar. De repente, impellido por uma onda mais forte, perdeu o pé. Como não sabia nadar, viu-se perdido. Quiz gritar mas a bôca encheu-se de água salgada. Levantou os braços ao ar, ergueu a cabeça, lutou furiosamente.

Antes de lhe acudirem, tódos, na praia, se riram, naquêlê riso espontaneo e comunicativo de quando se vê cair uma pessoa. Realmente no lugar trágico do homem havia o rictus, as linhas e os traços, dum palhaço fazendo pantomina. As expressões da excessiva dôr ou dum alegre exuberante confundem-se.

Entrou agora no café uma senhora, que delicadamente se dirá quarentona, muito gôrda, um arco de pipa na cinta, mas rigorosamente vestida—saia rodada e muito curta, botas brancas de três palmos de altura. Olha-se para ela mal encobrida um sorriso de ironia. Muitas senhoras sacrificam à moda a elegância natural, mas as como esta abdicam do próprio pudôr e tornam-se ridículas.

As mundanas caras teem a arte do vestuário—procuram agradar e sobretudo impôr-se ao respeito, condição essencial para criar aquella illusão dos sentidos que faz nascer o desejo.



Das Ruas, Praças e Rocio da Villa de Guimaraens

(Continuação)

He este terreiro de São Payo grande, e bem povoado de vizinhos, sahe delle para a parte do Norte huma rua, que desemboca no Rocio da Tuiha, que

chamão da Ferraria, e do meyo della atravessa para a parte do Sul outra, que se ajunta com a rua nova do Muro, que chamão de Alcobaça, e ambas tem sua sahida pela porta da torre velha.

Da rua de Alcobaça junto á porta da torre velha sahe para entre o Sul, e Poente a rua do Anjo, que vay desembocar no terreiro de S. Payo topando nos açougues daquella Villa, que estão no mesmo terreiro encostados aos muros para a parte do Sul; e continuando com os açougues por detraz das casas, que tapão o terreiro, corre outra encostada ao mesmo muro, que chamão a rua de Tráz dos açougues, que tem a sua sahida pelo postigo de S. Payo.

Sahe deste terreiro de S. Payo para entre o Norte, e Poente outra rua, que chamão de Tráz da Misericordia, que tem a sua serventia pelo corredor, que fica debaixo das suas casas do despacho, por onde se comunica com o seu terreiro, e rua Sapateira. Tambem deste terreiro sahe outra rua, que chamão de Arrochela, que desemboca na rua Sapateira, e ambas tem sua sahida pela porta, e torre de S. Domingos. Tem o terreiro de S. Payo a sua sahida para fóra dos muros por huma porta, que chamão de S. Payo, por estar defronte daquella Igreja, a que tambem chamão porta nova, por se abrir depois da muralha estar feita.

Estas são as ruas, que estão dentro dos muros de Guimaraens; he necessario que refiramos os muros, e torres, que a cercão, dando a cada hum seu nome, para darmos noticia dos arrabaldes, nomeando as suas ruas, e declarando primeiro que quando esta villa se murou, a antiga Guimaraens o estava tambem, como fica dito, e os muros della, que estavam para onde a nova tomou o seu principio, se arruinarão, e a pedra

delles se deu aos Frades de São Domingos para fazerem o dormitorio do seu Convento, a que chamão o novo; e os novos muros tomarão seu principio na ruina dos velhos.

Unirão-se os novos muros com os velhos pela parte do Nascente em hum torrilhão terraplenado na mesma altura delles, e a baixo delle na muralha a porta da Frieira, que hoje chamão de Santa Cruz, por estar defronte della hum Cruzeiro com escadas no pedestal, que por estar em sitio alto, espaçoso, e alegre, nunca está desoccupado de gente, que a elle se vay recrear; e deste torrilhão corre a muralha coroada de ameias para a parte do Sul em distancia de 490 passos a topar na torre, que chamão dos Cães, e da sua porta até á dita torre tapa esta muralha a cerca das Freiras de S. Clara, que tem escada para irem colher acima della o fruto de suas parreiras.

No tempo, em que se fundou esta torre dos Cães, estava nella huma arca de agua, que hia por canos para o Convento de S. Francisco; e por ser vontade del Rey Dom João o Primeiro, seu fundador, que naquelle lugar ficasse esta para melhor defensão da Villa; foy necessario ao fazer della, que junto aos seus alicerses ficasse huma porta de arco por baixo da terra para a parte do Vendaval, por onde se pudesse ir alimpar a arca da agua, a qual com a fabrica da obra cançou aos Frades; e vendo o Duque Dom Affonso, e sua mulher a Duqueza Dona Constança de Noronha a sua necessidade, mandarão dentro da torre ajuntar a mesma agua em huma arca de pedra fina bem lavrada, com que a segurãrão de sorte, que nunca mais lhe faltou; e por ser obra magnifica de muita charidade, mandarão pôr na arca os escudos de suas Armas.

Vulgarização instrutiva

A cooperação

Por Mauriçe Bourguin

I

As sociedades cooperativas, tão variadas na forma, objecto e composição, apresentam tódas, porem, um caracter comum que as distingue das sociedades capitalistas: os associados não se limitam a fornecer os capitais, eger os administradores, votar nas assembleas e sofrer os riscos do negócio; participam tambem individualmente da função empreñdida pela sociedade, cooperam na obra, dão-lhe o seu concurso ou aproveitam-se dos serviços; consequentemente, depois do abõno dum interesse fixo ao capital, se partem os beneficios ao prorata das operações efectuadas por cada um dêles como cooperador.

Para se compreender mais nitidamente a influencia da cooperação no regime capitalista, convem distinguir as sociedades cooperativas conforme são ou não formadas entre emprezários.

Certas cooperativas agrupam individuos a outro titulo que o de emprezário; os seus membros participam dela na qualidade de trabalhadores, de consumidores, etc. Tais são as sociedades de produção industrial, de consumo e de construção. As sociedades de seguros mutuos entre não-productores e as sociedades de socorros mutuos, que praticam tambem a cooperação no campo do seguro e da assistência, podem ser classificadas nesta categoria da cooperação simples.

Quando as sociedades alcançam vastas dimensões, constituem casos de concentração pura e simples da mesma forma que as grandes empresas capitalistas. Não sem dúvida porque entrem no círculo da concentração capitalista, porquanto o caracter capitalista é delas excluido pelo modo de repartição dos proveitos, pelo menos emquanto obedecem aos principios rigorosos da cooperação. Mas estas cooperativas quando se desinvolvem, restringem o campo das pequenas empresas individuais como o podem fazer os grandes armazens e outras explorações capitalistas de grande envergadura; sôb êste ponto de vista o seu crescimento opéra exactamente da mesma maneira que a concentração capitalista.

Outras sociedades cooperativas

agrupam individuos ou mesmo sociedades na qualidade de emprezários; são uma espécie de federações de empresas independentes que, sem perderem a individualidade própria, se unem para criar uma empresa distinta, com o fim de realizar em comum uma das suas funções essenciaes ou anexas.

A êste tipo pertencem as sociedades ou sindicatos agricolas de compra e venda, as cooperativas agricolas que teem por objecto a elaboração dos productos do solo, as sociedades de seguros mutuos entre productôres, as associações entre artifices e retalhistas para a compra de matérias primas e utensilios, o uso comum de instrumentos de produção, armazenagem e venda de mercadorias. As sociedades cooperativas de crédito a produção, caixas rurais e bancos populares apresentam um caracter semelhante. Podem até considerar-se certas formas de *cartel*, as que fundam uma empresa distinta sôb a forma de feitoria de venda, como uma variedade capitalista da cooperação e classifica-las na categoria da cooperação complexa.

As sociedades cooperativas de agricultores, de artifices ou de comerciantes, quando extensas, são tambem casos de concentração. Considerando-as, porem, nos seus elementos constitutivos e na sua influencia social, notaremos que o seu desinvolvimento age num sentido directamente oposto ao da concentração capitalista. A parte os balcões de venda, nos quais a cooperação vem reforçar a acção capitalista, as associações de que se trata, longe de representarem instrumentos de conquista esmagando as pequenas empresas numa luta desigual, são pelo contrário um meio das empresas independentes, mesmo as mais pequenas, se fortalecerem e defenderem a existencia procurando pela união certas vantagens da grande exploração. Se encontramos, pois, nas associações cooperativas, um modo colectivo da produção e mesmo, em certa medida, da apropriação, devemos pelo menos reconhecer que o collectivismo que elas representam deixa subsistir as pequenas empre-

zas individuais, e contribue até para as manter na sua integridade.

O movimento cooperativo é exclusivo da nossa época; os seus principios remontam ácerca de meio século, mas o seu movimento apenas se fortalece nos ultimos vinte anos.

No começo do século XX, contam-se aproximadamente, nos países civilizados, 66:000 sociedades cooperativas de tódã a natureza e 12 milhões de cooperadores. Embora as cooperativas pareçam ainda disseminadas no meio das empresas capitalistas, o seu rapido crescimento atesta vitalidade, e permite entrever a importancia que elas são chamadas a desempenhar no futuro.

EM FÉRIAS

Povoa de Varzim

A matriz de Azurara, uma curva apertada, a planicie azul do Ave e do Mar, a capelinha muito branca da Senhora da Guia, e, aos saltos por uma desconjuntada calcetaria, eis a risonha Povoa. Calhou vir mal humorado por uma noite de insonia, a mais perfeita, pois não consegui ter os olhos cerrados um minuto inteiro, sentindo o pêso de séculos no lento circular do ponteiro dos segundos. E ainda não havia pôsto pé em terra quando uma voz tremenda me sacudiu arrepiado—ó tu! ó maganão...—, e um paquiderme antidiuviano, cara de abobora e da côr e aos gômos como a marmelada vermelha, onde mal apontava um narizinho curto e chato, com duas fendas negras e peludas, uma bigodeira crêspa encortinando dois labios como um tomate partido e esborrachado, cabelo grisalho, uma ventruça himalaesca sobre dois postes de linha telegráfica, me agarrava nos braços herculeos e sacudia e esmagava com um tamanho afan carinhoso que o transito ficara literalmente interrompido. Tendo conservado, da minha desaparecida memoria excelente, apenas o reconhecimento infalivel das pessoas com quem haja conversado uma vez, não me era possível descortinar luzindo na escuridão cerebral quem êste bruto fosse, que tão bem me conhecia e tutuava, ao par dos meus precalços.—Já sei que tu, meu pandego, és casado, tens filhos, advogas... Sem que tenha a mal empregada fobia camiliana pelos *brazileiros*, tenho, entre êles, poucas mas estreitas relações e positivamente a hipopotasmêsca figura, que ante mim se erguia formidavel, ganhara dinheiro na America do Sul, que bem o mostrava a brancura das calças, o

casaco côr de pinhão, a gravata amarela e preta, as meias verdes com flores roxas, o lenço vermelho de seda, a corda de guindaste da corrente e os bogalhões de diamante pela gravata, nos punhos, nos aneis, em trinta penduricalhos. Mas neste ar de permanecer imperturbável e risonho, que foi a unica prenda que a politica me deixou, estreitei-lhe menos de meio quarto da pança.—Então como vai isso... Todavia o caso não era para brincadeiras—eu estava positivamente filado e não mais, durante muitas horas, com uma semceremonia tiranica, houve maneira de largar-me—porque almoças comigo... o que tomas?... Bebe uma cerveja... Um café... Licores... Ah! um copo de vinhaça—que eu me via parvo para recusar.—«Mas, ó menino, aposto que já me não conheces. Eu sou o Rato.—Tu, Giboia?!—Sim o Rato do Colegio, não te lembras?, por andar sempre metido na dispensa a esfuracar os mantimentos. Lá bolaria apanhei que farte, mas tambem me consolei com cada empanzinadela... Bons tempos!—Vejo que a vida para ti, meu velho, foi sempre um armazem por grôso.—Sabes lá. Depois, enjoado dos latinzes e das nigromancias scientificas, fui parar a S. Paulo. Cafezais, cana, açúcar... Tormentos. Mas foi com as minhas mãos honradas que amealhei uma fortuna. Tu não precisas, mas ao teu dispor...—Preciso não dever que é a maneira de poder pagar...—Levou tempo. Vê lá ha quantos anos... tu eras dêste tamanho (e media alguns palmos no bengalão com um chifre de prata) e eu o mais velho dos grandes... Cheguei há três meses e ainda não tive, senão agora, ao encontrar-te, um momento de descanso. E como eu desse um instintivo salto de mêdo, agarrou-me pela cinta e pôs-me delicadamente assentado na cadeira como uma trouxa de roupa no patamar duma escada.—Uma paixão, menino, uma mulher... Parece-me que bebi semente de mamorinho bravo. Anda, corre, depressa, é ela, exclamou, erguendo-se dum salto e esbracejando perdidamente como um naufrago.—Deitou a correr e para maior comodidade arrastou-me pendurado dos braços como um triste perú em vespera de natal.—Vê-la, vê-la. Não era facil, mas consegui fixar uma admiravel criatura modernista, toda de branco, cabelos loiros

muito corridos e apertados no alto da cabeça, magra mas contornada de formas, graciosas linhas curvas, cheia de luz moça e sonhadora nos olhos azuis, um sinalzinho de tentação na alvura tenra do pescoço, os seios arfando doces, em baladamente, a saia curta descobrindo as pernas torneadas, que as meias dum tom mate de carne mais realçavam ainda na sua forma escultural. — E' ela...

o ensino sob o ponto de vista nacional

Neste sentido, algumas colectividades se teem formado e que já hoje teem a validar a sua existência uma larga obra. Duas, por agora, apontarei—as que a meu ver teem dirigido a sua acção no sentido da instrução e da cultura nacionalizadora.

Uma que pretende fazer obra de cultura geral para todas as classes e para todas as idades; outra que apenas se dirige ás primeiras idades.

Aquella é a *Renascença Portuguesa*; esta a *Associação de Escolas Móveis pelo método João de Deus*.

A primeira tem (pondo de parte a obra literária, cujo valor é de sua natureza muito discutível) uma obra de grandes e seguros proveitos:—a *Universidade Popular do Porto*, que mais de uma vez se tem ramificado para Coimbra, Vila Real e Povoas de Varzim e que já conta cinco annos de trabalhos e as suas *Bibliotecas—Luzitana*, dedicada à divulgação e ao estudo das obras dos nossos autores clássicos, *Infantil e Popular, de Educação, de Historia, etc.*, e que todas publicaram já muitos volumes, alguns dos quais assinados pelos nossos melhores escritores. A outra, a *Associação de Escolas Móveis*, que já tem largos annos de beneméritos esforços, está, designadamente com os seus *Jardins-Escolas*, lançando os alicerces da grande obra de educação nacional.

A' sua frente teem estado, entre outros, dois homens que merecem o respeito e a veneração de todos os portugueses.—Casimiro Freire e João de Deus Ramos.

Este porque desenvolveu largamente o pensamento do pai, o grande João de Deus, na criação dessa enternecedora maravilha, ao mesmo tempo tão portuguesa, e tão profundamente humana, que são os *Jardins-Escolas*, é hoje um dos nossos primeiros educadores, aquelle cuja iniciativa se traduz em mais belos e seguros resultados.

Desenvolvendo, a seguir, a matéria que aqui tratamos, falaremos em primeiro lugar dos *Jardins-Escolas* e aí daremos a razão destas palavras.

Eis aqui um escôrço leve do esforço que em Portugal se está fazendo dentro do espirito nacional. E' pouco? Decerto, em relação ao muito que ha a fazer. Mas, pouco ou muito, passará despercebido aos olhos dos scépticos, dos maldizentes, dos frívolos e dos estêreos, se não lho apontamos em conjunto. E em conjunto, alguma coisa é. Alguma coisa de que bem podemos orgulhar-nos os que continuamos firmes e silenciosos na boa labuta.

Ha-de levar tempo, ha que fazer tentativas, recomeçar por vezes e ouvir caladamente os que querem e só acreditam nas grandes obras, quando construidas no

mesmo tempo em que elles as maldizem.

Um dia num velho templo, que é um dos grandes monumentos de arte nacional, reparei que a face duma estatua tumular deitada ao alto, sôbre a arca, não dizia em fino relêvo com a traça geral do túmulo,—do precioso labor da edícula e das esculpturas duma graça tão frágil, que o adornavam.

Procurei aproximar-me do grande vulto de pedra, representando um dos idos cavaleiros daquelle estupendo século de Quinhentos e que ali repousava das longas fadigas duma vida rijamente batallhada.

Reparei então que as órbitas, os ângulos, os sulcos e comissuras da face, todos estavam atupidos ou deformados por uma camada de gesso das máscaras que ali haviam moldado, amassado em pó e negrura, o que mais lhe desluzia ainda a adivinhada perfeição.

Debrucei-me e longamente, com infinitos cuidados, tateando e delindo pouco a pouco, numa ternura e interêsse crescente, consegui libertá-la da escura jaça que a escondia.

Chegado ao fim, tive uma commoção inesquecível. Quando o rosto de linhas sóbrias e bem vindadas, dum acabado modelar surgiu, julguei ver a vera face do cavaleiro, palpitante da sua antiga e heróica vida.

Amigos é este o nosso caso. A nobre formosura da grei está oculta sob o negro pó e as nódoas espessas com que as desfearam. Mas não sentem já desenharse-lhe o vulto com mais sóbria firmeza?! Ora bem: mãos á obra, até que o vulto, o rosto, a fronte, os olhos da estatua de novo esplendam serenamente na sua beleza imortal.

JAIME CORTESÃO.

Assuntos militares

A requisição do comandante do 3.º Grupo de companhias de saúde, com quartel no Porto, tem de se apresentar na sede deste Grupo, as seguintes praças licenciadas, domiciliadas na área deste concelho e convocadas para serviço extraordinário por ordem da Secretaria da Guerra: Soldado n.º 3 da 8.ª companhia, Simão Pereira, filho de Augusto José Pereira e de Balbina Pereira de Souza, da Freguezia de Lordello; dito n.º 26 da 8.ª, António Francisco, filho de José Francisco e de Maria Ferreira Salgado, da freguezia de Creixomil; dito n.º 137, da 8.ª, Domingos Pereira, filho de João Pereira e de Maria Custódia, também de Creixomil; dito n.º 7 da 8.ª, Joaquim da Silva Salgado, filho de Joaquim da Silva Salgado e de Alcina Rosa da Silva, da freguezia de S. João das Caldas de Vizela; dito n.º 112, da 8.ª, Antonio Gonçalves, filho de João Gonçalves e de Antónia Rita, da freguezia de Longos.

Para tomar parte no concurso de tiro nacional, seguiu para Lisboa uma força de infantaria 20, sob o comando do 2.º sargento, sr. Freitas Santos.

Para o mesmo fim partiu também para aquella cidade, o alferes de infantaria 20, nosso amigo, sr. Januário Joaquim Lopes de Sousa.

Foi mandado apresentar em infantaria 5, Lisboa, para fazer serviço como alferes médico meliciano, o nosso conterrâneo, sr. dr. Alberto Martins Fernandes.

Cinema Chantecler

Jnauguração: Domingo, 24



NOTICIOSA

«A Económica Vimaranesa»

Para a discussão dos respectivos estatutos, reuniram no dia 9 do corrente, no teatro D. Afonso Henriques, em assembleia geral, os accionistas da cooperativa civil «A Económica Vimaranesa».

Presidiu o major de infantaria 20, nosso conterrâneo sr. Duarte Amaral, secretariado pelos srs. Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior e João de Faria e Sousa Abreu.

Exposto o fim da magna reunião, procedeu-se á leitura dos estatutos, finda a qual foram postos á votação sendo plenamente aprovados, havendo neste momento manifestações de aplauso.

Por propostas dos srs. Joaquim Penafort Lisboa e major Duarte Amaral, foram consignados na acta daquela sessão, um voto de louvor ao sr. João Abreu, pelo seu apreciado trabalho na elaboração dos estatutos e outro á comissão fundadora pelo exito da sua iniciativa.

A assembleia manifestou-se com calorosas salvas de palmas ao serem apresentadas estas propostas.

Depois procedeu-se á eleição dos corpos gerentes, sendo eleitos por aclamação, os seguintes cavalheiros:

Assembleia geral—Presidente, Alvaro Costa Guimarães; Vice-presidente, Dr. Adelino Jorge; 1.º secretario, José Maria Baptista Ribeiro; 2.º secretario, Francisco de Faria.

Conselho fiscal—Presidente, João Rodrigues Loureiro; secretario, José Jacinto Junior; relator, José Francisco Gonçalves Guimarães. Substitutos: Manoel Bento Ribeiro e Antonio José de Oliveira.

Direcção—Guilhermino A. Barteira, Joaquim Penafort Lisboa, Carlos Alberto Machado. Substitutos: José Pinto Teixeira de Abreu, Aureliano Fernandes, e Manoel Caetano Martins.

E' de 260 o numero de accionistas que, conforme os preceitos estatutários, são, desde já, considerados socios fundadores.

A assembleia foi muito concorrida e terminou com grande entusiasmo.

Promoções

Por despachos do Ministerio da Instrução Publica, foram promovidas a 1.ª classe, as professoras, D. Albertina de Freitas Guimarães, da escola mixta de Santa Cristina de Longos, a contar de 6 de Setembro de 1914, e D. Beatriz Belmira de Abreu Almeida, da escola do sexo feminino da freguesia de S. Miguel de Creixomil, a contar de 1 de Julho de 1913; e a 2.ª classe, a professora D. Maria de Jesus Vieira da Costa, da escola do sexo feminino da freguesia de S. Torcato, a contar de 1 de Setembro de 1914.

Os gatunos

Ha dias os gatunos entraram na igreja da freguesia de Ronfe e roubaram varios objectos do culto que reputam no valor de 100000.

Pelo Liceu

Os alunos do Liceu Nacional, desta cidade, espetados na primeira epoca de exames, são dispensados da apresentação do requerimento de admissão a exames da segunda epoca, devendo, porem, até 25 do corrente mês, pagar na tesouraria Municipal, a propina de 3000.

Carteira

No dia 1 de Outubro proximo, vem á luz da publicidade um novo quinzenario humorístico, literario e noticioso, que será intitulado «A Sentinela».

Para a ilha de S. Miguel—Açores—, onde vai exercer o cargo de delegado do Procurador da Republica, parte brevemente, o nosso amigo, sr. dr. José de Freitas Gonçalves da Cunha, de Fafe, e que nesta comarca já exerceu o cargo de sub-delegado.

O capitalista portuense, sr. José Marques Coelho, que esteve a uso de aguas na nossa estância das Taipas, mandou entregar a quantia de 5000, a cada uma das seguintes instituições de beneficencia: Asilo de Santa Estefania, Creche de S. Francisco, Asilo de Mendicidade, Oficina de S. José, e igual quantia para distribuir por indigentes.

Cães vadios

Pela administração do concelho foram mandados afixar editais, tornando público que, no cumprimento de ordens superiores, no prazo de 24 horas, a contar da data do edital, se mandará proceder á extinção de todos os cães que forem encontrados na via pública e que não satisfacem ao disposto na Secção 2.ª do Cap. VII, do Código de Posturas.

Nos refractarios

Pela Secretaria da Guerra, em circular n.º 9 de 6 do corrente da 3.ª Repartição da 1.ª Direcção Geral, foi prorogado até 31 de Dezembro do corrente ano, o prazo para a apresentação dos refractarios residentes no Continente e Ilhas Adjacentes, não soffrendo punição os que se apresentarem até aquella data.

Instrução

Os snrs. Antonio Marques Guimarães e José Marques Guimarães, da freguezia de Balazar, deste concelho, solicitaram da Camara os seus bons officios para ser criada naquela freguesia uma escola primaria de ensino mixto, oferecendo casa propria para o funcionamento dessa escola.

A Comissão Executiva da Camara que sempre tem mostrado dispensar todos os seus cuidados a assuntos de instrução, resolveu, na sua ultima sessão ordinaria, representar ao Governo, pedindo a criação duma escola primaria, na referida freguesia.

Estancia da Penha

Pela quantia de 2:200000, foi arrematado o ultimo lanço da estrada municipal de Guimarães á Penha.

Arrematação

Vai ser annunciada a arrematação do rendimento dos escorros das aguas potaveis das Caldas das Taipas, pelo tempo de 2 annos, sob a base de licitação, por cada ano, de 2050.

Falecimentos

Em Cramarinhos, Felgueiras, faleceu o sr. Domingos Leite de Castro, vimaranense considerado pelo seu caracter e dotes de intelligencia.

Tambem em S. Lourenço de Selho, faleceu o sr. João do Vale Cardoso, proprietario da Quinta do Ermo.

Aos doridos, a expressão das nossas condolencias.

Fóros à Câmara

No dia 29 do corrente mês e durante o prazo de 30 dias a contar daquele, estará aberto o cofre municipal para a cobrança voluntaria dos fóros em dívida ao municipio.

Findo aquele prazo, serão os devedores relaxados e entregues ao poder judicial, conforme as novas disposições da lei.

ANÚNCIOS

“GOVERNANTA,”

Precisa-se de uma senhora para tomar conta do govêrno de uma casa de pequena familia e que dê boas referências da sua conduta ou pessoa abonatória.

Para informações á R. da República, n.º 74.

Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1880

Rua da República, 144

Guimarães

Leilão de Penhores

Em harmonia com o art.º 1.º do decreto de 1 de Outubro de 1900, faz-se público que, no dia 22 e seguintes do próximo mês de Outubro, se procederá, na sede desta casa á arrematação de todos os objectos que se consideram abandonados por falta de pagamento de juros.

Guimarães, 16 de Outubro de 1916.

Os proprietários,
Peixoto & Rocha.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termas, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

AS UNICAS AGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica.

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou-se uma aula modelo com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artística. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspecção médica permanente—Medico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Banheiro—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginásio académico—exercícios físicos. Sessões literarias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.º corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.ª

78, Rua da República—GUIMARÃES

“PROSPERIDADE”

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTF: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

D. DOMINGOS VINHACREIRO & F.ªs



CONFETARIA

GÊNEROS DE MERCEARIA
—E—
CONFETARIA
SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA
—DA—
BRAZILEIRA



PARISIENSE

VAGO

AOS FUMADORES CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranesense
(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1\$30 cent.
Semestre	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$50 "
Número avulso	\$03 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	4 cent.
Repetição, por linha	2 cent.
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 26

Ao Cidadão